

Nas terras do sul nasce o herói: origens e ascendências nas narrativas biográficas de Luiz Carlos Prestes

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudencio

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudencio

Universidade de São Paulo – São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: brunogaudencio@alumni.usp.br

ORCID: 0000-0001-7370-0823

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar como os três biógrafos – Jorge Amado (2011), Daniel Aarão Reis Filho (2014) e Anita Leocadia Prestes (2015) – construíram narrativas sobre as primeiras décadas de vida de Luiz Carlos Prestes (1898-1990), comparando as abordagens sobre as origens familiares e geográficas. Com isso, procuramos alcançar os seguintes pontos de abordagem dentro do processo de construção da memória biográfica de Prestes: o processo de pertencimento da origem geográfica (identidade gaúcha), a construção das origens familiares e a ascendência do biografado. Para isso, dentro de uma perspectiva da história biográfica e política, dialogamos com os autores Paul Ricoeur (2010), Sérgio Vilas Boas (2008), Raoul Girardet (1987) e Jorge Ferreira (2002).

Palavras-chave: Narrativa biográfica; Origens; Ascendências; Luiz Carlos Prestes.

The hero is born in the southern lands: origins and ancestry in the biographical narratives of Luiz Carlos Prestes

Abstract: The objective of this article is to analyze how the three biographers – Jorge Amado (2011), Daniel Aarão Reis Filho (2014) and Anita Leocadia Prestes (2015) – built narratives about the first decades of life of Luiz Carlos Prestes (1898-1990), comparing approaches to family and geographic origins. With that, we tried to reach the following points of approach within the process of construction of Prestes' biographical memory: the process of belonging to the geographical origin (gaucho identity), the construction of family origins and the ancestry of the subject. For this, within a perspective of biographical and political history, we dialogued with the authors Paul Ricoeur (2010), Sérgio Vilas Boas (2008), Raoul Girardet (1987) and Jorge Ferreira (2002).

Keywords: Biographical narrative; Origins; Ancestry; Luiz Carlos Prestes.

En las tierras del sur nace el héroe: orígenes y ascendencia en las narraciones biográficas de Luiz Carlos Prestes

Resumen: El objetivo de este artículo es analizar cómo los tres biógrafos – Jorge Amado (2011), Daniel Aarão Reis Filho (2014) y Anita Leocadia Prestes (2015) – construyeron narrativas sobre las primeras décadas de la vida de Luiz Carlos Prestes (1898-1990), comparando los enfoques sobre los orígenes familiares y geográficos. Con ello, pretendemos alcanzar los siguientes puntos de aproximación dentro del proceso de construcción de la memoria biográfica de Prestes: el proceso de pertenencia al origen geográfico (identidad gaucha), la construcción de los orígenes familiares y la ascendencia del biografiado. Para ello, desde una perspectiva biográfica y de historia política, dialogamos con los autores Paul Ricoeur (2010), Sérgio Vilas Boas (2008), Raoul Girardet (1987) y Jorge Ferreira (2002).

Palabras clave: Narrativa biográfica; Orígenes; Ascendencia; Luiz Carlos Prestes.

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar como três biógrafos de Luiz Carlos Prestes¹, – Jorge Amado (2011), Daniel Aarão Reis Filho (2014) e Anita Leocadia Prestes (2015) – construíram narrativas sobre as duas primeiras décadas de vida do líder comunista gaúcho, comparando, assim, as abordagens sobre as origens familiares/geográficas. Com isso, procuramos alcançar os seguintes pontos de abordagem no que se refere à construção da memória biográfica de Luiz Carlos Prestes: o processo de pertencimento da origem geográfica (identidade gaúcha), a construção das origens familiares e a ascendência do biografado.

Intitulamos este período de “tempo da espera e da convocação”, tendo como referência os historiadores Raoul Girardet (1987) e Jorge Ferreira (2002). O primeiro intitula o período inicial do herói de “tempo da espera e do apelo”, que seria aquele “em que se forma e se difunde a imagem de um Salvador desejado, cristalizando-se em torno dela a expressão coletiva de um conjunto, na maior parte das vezes confuso, de esperanças, de nostalgias e de sonhos” (Girardet, 1987, p. 72). Já Ferreira (2002, p. 269) apresenta a ideia de “tempo da convocação”, inspirado nos relatos sobre Luiz Carlos Prestes, que compreendem o período inicial da vida do personagem como um chamado para a luta: “aquele em que se forma o jovem virtuoso e introvertido, mas cujas experiências adquiridas na família e na Escola Militar delinearão a figura do líder”.

Para analisar as narrativas biográficas, serviu-nos de base uma série de referências multidisciplinares como Sérgio Vilas Boas (2008), James Hillman (1997) e Paul Ricoeur (2010). Os dois primeiros, responsáveis por reflexões sobre certos vícios na elaboração biográfica, dos quais utilizamos os conceitos de “descendências”, “falácia parental” e “pais supremos”². De Paul Ricoeur (2010), pedimos emprestada a noção de “os próximos”, que relaciona a memória pessoal e coletiva com a experiência de infância³. Outros aspectos a serem abordados ao longo deste artigo serão as noções de “identidade gaúcha”, a partir dos estudos de Sandra Jatahy Pesavento (1989) e Jocelito Zalla (2018), e a de “monumentalização” dos sujeitos, seja Prestes, seja a sua mãe, Leocadia Prestes, aspecto problematizado a partir da discussão de Jacques Le Goff (2003).

¹ Optamos pelo uso do Z em detrimento do S, no nome do biografado, neste trabalho. Anita Leocadia Prestes se utiliza do Z, enquanto Jorge Amado e Daniel Aarão Reis se utilizam do S. Justificamos como necessidade de padronizar todas as referências do texto, deixando, evidentemente, aquelas transcritas das próprias narrativas biográficas.

² O comunicólogo Sérgio Vilas Boas (2008) desenvolveu o que ele chama de limitações biográficas (descendência, fatalismo, extraordinariedade, verdade, transparência e tempo). Trabalharemos, sobretudo, uma delas: a “descendência”, que é quando o biógrafo recorre automaticamente aos pais para explicar traços pessoais de seus biografados. James Hillman (1997) nos apresenta os conceitos de “falácia parental” e “pais supremos” como forma de demonstrar como as biografias possuem uma tendência a optar por explicar o biografado através de uma árvore genealógica, sobretudo por meio dos pais.

³ O conceito de “os próximos”, criado por Paul Ricoeur (2010) em sua obra “A memória, a história, o esquecimento”, seria um dos elementos que imprime dinamismo à tensa complementariedade existente entre a memória pessoal, o indivíduo e a memória coletiva, a família, a comunidade, etc.

A escrita biográfica e os biógrafos de Luiz Carlos Prestes

Podemos afirmar que Luiz Carlos Prestes foi um dos personagens mais discutidos do século XX. Sobre a sua trajetória foram publicados, principalmente nos últimos 80 anos, diversos livros, com uma proeminência para narrativas biográficas. Apresentaremos sucintamente três que escolhemos como eixo principal de nossa análise.

A biografia “O cavaleiro da esperança: vida de Luís Carlos Prestes”, de Jorge Amado, foi escrita originalmente em português e publicada em língua espanhola, em Buenos Aires, em 1942, pela Editorial Claridad⁴, com o título “La vida de Luiz Carlos Prestes”, traduzido por Pompeu Borges⁵. A primeira edição brasileira saiu em 1945, pela Editora Martins⁶, de São Paulo. As primeiras edições, no período de 1945 a 1956, continuaram sendo lançadas pela mesma editora, exceto a nona, publicada na Coleção Novos Horizontes, pela Editorial Vitória, pertencente ao PCB. Entretanto, a edição que utilizaremos neste trabalho é a de 2011, publicada pela Companhia das Letras, de São Paulo.

Dividido em 50 capítulos e cinco partes e contendo 383 páginas em seu total, a obra procura reconstituir de forma poética a trajetória de Luiz Carlos Prestes (1898-1990), desde seu nascimento no Rio Grande do Sul, em 1898, até 1942, quando estava preso pelo regime do Estado Novo, de Getúlio Vargas. Portanto, é uma biografia que trata dos primeiros quase 50 anos do político e militar e foi escrita, segundo o próprio biógrafo, com o propósito de apelar para a libertação do revolucionário e outros presos políticos. A narração do livro acontece em terceira pessoa e Jorge Amado não se apresenta explicitamente como um elemento envolvido na história, salvo nos momentos em que o autor estabelece diálogo com sua interlocutora, o que pressupõe uma ouvinte ou uma leitora (uma espécie de leitora imaginária), tratando-a como “amiga” e “negra”.

Jorge Amado é o biógrafo mais conhecido de Luiz Carlos Prestes. Nascido em 1912, em Itabuna, Bahia, morou em diversas cidades brasileiras, entre elas Ilhéus, Salvador e Rio de Janeiro. Formou-se na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, porém não atuou na profissão, tendo se dedicado ao jornalismo e à literatura. Estreou como romancista com a obra “O País do Carnaval”, em 1932, tendo publicado outros tantos romances em sua trajetória. Tornou-se comunista praticamente na mesma época e atuou na Juventude Comunista. Em 1936, foi preso pela primeira vez como membro atuante da Aliança Nacional Libertadora (ANL). A partir dos anos de 1950, foi conquistando prestígio internacional, sendo um dos escritores brasileiros mais reconhecidos no mundo. Faleceu em Salvador, em 2001 (Aguiar, 2018).

⁴ Editorial Claridad foi uma editora argentina fundada em 30 de janeiro de 1922 pelo espanhol Antonio Zamora. Localizava-se na rua Boedo, número 837, por isso um grupo de escritores que era destaque na Argentina nos anos 1920 ficou conhecido como o “grupo de Boedo”. Algumas das suas principais publicações foram as revistas “Pensadores” e os livros da coleção “*Los nuevos*” (Bellocchio, 2016).

⁵ Tomas Pompeu Acíoli Borges (1908-1986), engenheiro brasileiro, militante da Aliança Nacional Libertadora Nacional (ANL) nos anos 1930, foi exilado na França, Peru e por último na Argentina, onde traduziu a obra de Jorge Amado para o espanhol. Voltou ao Brasil em 1943, tendo trabalhado posteriormente em diversas funções na Fundação Getúlio Vargas, Banco do Nordeste e na Universidade de Brasília.

⁶ A Editora Martins foi criada pelo livreiro José de Barros Martins no ano de 1939 a partir da livraria do mesmo nome, na cidade de São Paulo. Nos primeiros anos da editora, o responsável pelo departamento editorial foi o escritor e biógrafo Edgard Cavalheiro e sua fase mais proeminente foi justamente na década de 1940, quando publicou a obra de Jorge Amado.

A segunda biografia é “Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos”, do historiador Daniel Aarão Reis Filho, publicada em 2014 pela Editora Companhia das Letras, de São Paulo. Dividida em 17 capítulos, mais um posfácio, além de conter três cadernos de imagens e um índice onomástico, em 536 páginas, a biografia não possui prefácio ou apresentação, contendo apenas um texto de orelha produzido pela editora.

Segundo Daniel Aarão Reis Filho (2018), em entrevista ao autor deste trabalho, o livro surgiu de uma encomenda da Editora Companhia das Letras, que o convidou a escrever um volume dedicado ao líder comunista na Coleção Perfis Brasileiros, coordenada pelos historiadores Lilia Moritz Schwarcz e Alberto da Costa e Silva. Depois de iniciar o processo de pesquisa e escrita, o biógrafo percebeu que o número de páginas da narrativa estava fugindo do padrão encomendado pela editora, que era entre 200 e 250 páginas. Aarão Reis havia escrito mais de 800 páginas e pensava em condensar a biografia, segundo os padrões estabelecidos para a coleção. Foi quando a editora preferiu enquadrar o projeto em outro “esquema editorial”. Nas palavras do historiador: “daí quando me deram luz verde pra isso eu passei mais tempo, naturalmente, pesquisando, e resultou nessa biografia maior” (Reis Filho, Entrevista, 2018).

O historiador Daniel Aarão Reis Filho nasceu no Rio de Janeiro em 1946. Professor titular de História Contemporânea na Universidade Federal Fluminense (UFF), doutorou-se em História Social na Universidade de São Paulo (USP) em 1987. A partir do final da década de 1960, participou do movimento estudantil e depois da luta armada contra a ditadura militar. É ex-militante da Dissidência da Guanabara (DIGB), que posteriormente nomeou-se Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), tendo sido preso e depois exilado na Europa e na África. Na França, graduou-se e fez mestrado em História na Universidade de Paris VII.

A terceira e última biografia é “Luiz Carlos Prestes: um comunista Brasileiro”, de autoria da historiadora Anita Leocadia Prestes, publicada em 2015 pela Editora Boitempo, de São Paulo⁷. Constituída de 19 capítulos, em 560 páginas, a biografia contém apresentação da autora, dois cadernos de fotografias, índice onomástico, além de texto de orelha (da autoria de José Luiz Del Rio) e de contracapa (do jornalista Fernando Moraes).

Segundo Anita Leocadia Prestes (2018), em entrevista ao autor deste artigo, a biografia “Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro” é um produto de uma vida dedicada à produção acadêmica sobre o líder comunista. A historiadora deixou claro que a narrativa foi a culminância de várias pesquisas e livros publicados anteriormente, iniciados em 1985, quando ingressou no doutorado. Um projeto feito em partes, que começou com os estudos dedicados à Coluna e depois a vinculações do personagem com o PCB. De acordo com a autora, ela foi sendo convencida aos poucos de que era possível escrever uma biografia (Prestes, Entrevista, 2018).

⁷ Boitempo é uma editora de esquerda que conta com um catálogo amplo sobre temas políticos e identitários, que engloba autores internacionais e brasileiros, como Karl Marx, Friedrich Engels, Emir Sader, Michael Löwy, Angela Davis, entre outros, além de biografias de nomes do pensamento social e da atuação política como Karl Marx e Caio Prado Júnior.

A historiadora Anita Leocádia Prestes nasceu em Berlim, Alemanha, em 27 de novembro de 1936. Concluiu seu doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em 1990, com a tese sobre a Coluna Prestes, orientada por Maria Yedda Linhares. Depois de concursada como professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), a historiadora foi transferida para a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tendo se aposentado em 2007. De 1994 até 2020, publicou duas dezenas de livros, quase todos dedicados à história do seu pai, da sua mãe e do PCB.

Nas “terras do sul” nasce o herói? Entre a romantização e a contextualização do espaço de origem

Das narrativas dedicadas a Prestes, duas delas procuram compreender o processo de pertencimento geográfico do biografado: a de Jorge Amado (2011) e a de Daniel Aarão Reis (2014).

Jorge Amado (2011), dentro do seu processo de edificação inicial da trajetória de Luiz Carlos Prestes, construiu uma ideia naturalizada das origens gaúchas do biografado:

NESSAS TERRAS DO SUL ELE NASCEU, AMIGA. AQUI, NESSES CAMPOS que se estendem em busca do infinito, correm livres os animais e as lendas. É o pampa, planície sem fim, melancólica e suave; o céu azul, azul de impossíveis comparações, o campo verde, verde de todos os matizes, onde pastam os bois calmos, onde correm nervosos cavalos. Aqui nascem os homens valentes, amiga, aqueles que deixam um rastro de lenda em sua passagem. É o país do Rio Grande do Sul, dos caudilhos, das revoluções, da coragem sobre todas as coisas (Amado, 2011, p. 33).

A figura agenciada por Jorge Amado (2011) é a do gaúcho pampeano, um “tipo social rural ‘real’ ou ‘imaginário’, ‘presente’ ou ‘histórico’, que vive como cavaleiro em um espaço físico e simbólico determinado, a *pampa*, e, não raro, situado em um tempo mítico no qual a tradição garante a vida de fartura” (Zalla, 2018, p. 27, grifo do autor).

Sandra Jatahy Pesavento (1989) compreende que esta figura do gaúcho decorre de uma fixação de imagens e conceitos sobre o Rio Grande do Sul e seu personagem símbolo, o gaúcho. Ela reforça imagens, fixam hábitos e conceitos e exalta comportamentos considerados típicos, criando um mito ou estereótipo. Parte de uma noção de história que procura legitimar uma posição de predomínio e certa hegemonia, considerada por ela como uma visão tradicional e conservadora.

Jorge Amado (2011) procura conectar Prestes a essa figura do gaúcho como alguém pleno de bravura e honradez, além de altaneiro, destemido, livre. Jocelino Zalla (2018) chama isso de “ética do heroísmo gaúcho”, forjada nas lutas de fronteira e na árdua vida campeira. Segundo o mesmo historiador, as origens do gaúcho remetem ao século XVIII como o andarengo, errante, sem paradeiro e trabalho fixo, alguém excluído da ordem pela condição de “vagamundo”. Com o tempo, o termo transformou-se, tendo ganhado uma conotação positiva com a organização da estância e com a identificação com a figura de peão e do guerreiro. A questão da consolidação da propriedade pecuária seria o motivo da mudança, com a subjugação dos gaúchos como mão de obra nas estâncias de criação de gado. Eles seriam “os peões campeiros”, que mantinham hábitos, vestimentas, linguajares e costumes herdados dos antepassados.

Na descrição de Jorge Amado (2011) aparece ainda a ideia de uma terra demarcada por um “espírito de luta” e pela liberdade, cujo símbolo máximo seria justamente o histórico de guerras, como a Guerra dos Farrapos (1835-1845). Tal ideia é justamente uma das chaves da construção da identidade gaúcha, discurso esse agenciado em diversos momentos da história gaúcha da região, “fonte para discursos e projetos políticos, sociais e culturais e/ou a forma de dar vazão a visões de mundo e de intervir no debate público local” (Zalla, 2018, p. 27).

Esse mito dominante do “homem-herói” fica mais claro ainda quando Amado vai montando o cenário do Rio Grande do Sul e segue demonstrando pouco a pouco que Prestes seria uma espécie de herdeiro desta tradição histórica, marcada pela luta e pela guerra:

Os homens se transformaram em revolucionários, os cavalos cortando a noite do pampa, as figuras românticas dos caudilhos ganhando legenda pelo país afora. Nesse tipo de economia rural agrário-pastoril, haviam de florescer os governantes patriarcais. Mas havia de florescer também, amiga, o amor à liberdade e à luta, a rebelião contra essas fórmulas feudais de governo. Essas terras do Sul estão encharcadas de sangue revolucionário, é vermelha a raiz desses pastos e dessas árvores (Amado, 2011, p. 34).

Dentro de uma perspectiva crítica, Sandra Jatahy Pesavento (1989) compreende que

Tal visão idealizada [do Rio Grande do Sul] se complementava na ideia de que na sociedade sulina não havia hierarquias ou distinções sociais. Teria vigorado uma verdadeira democracia dos pampas, na qual peão e estanceiro trabalhavam lado a lado, irmanados ambos pela identificação na mesma figura mítica do gaúcho, centauro dos pampas, monarca das coxilhas (Pesavento, 1989, p. 56).

Para Jocelino Zalla (2018, p. 62), “foram os homens e mulheres de letras, educados em padrões cosmopolitas e valendo-se de modelos narrativos europeus os responsáveis pela elaboração do gaúcho como símbolo da identidade coletiva do Rio Grande do Sul”, construídos a partir de um romantismo ingênuo, presente em escritores desde o século XIX até recentemente. O mesmo historiador cita o nome de José de Alencar, Alcides Maya, Simões Lopes Neto, Cyro Martins, como exemplos destes produtores. Compreendemos que Jorge Amado se manifesta nesta “constelação de autores”, procurando idealizar a figura do gaúcho atrelada à de Luiz Carlos Prestes.

Por outro lado, segundo Amado (2011), o Rio Grande do Sul não era descrito apenas como a terra dos revolucionários, como Prestes, mas também de homens tiranos: “esses campos do Sul, essas terras dominadas e indomáveis, explodiriam em tiranos e em revolucionários. Nessas terras, amiga, dessa economia, nasceram os tiranos. Filhos de dono de fazenda, senhores feudais, de alma escravocrata” (Amado, 2011, p. 35).

Cabe aqui uma reflexão sobre quem seriam esses tiranos que serviam de contraponto à figura do herói revolucionário. Para isso, é necessário compreendermos o contexto político de publicação da biografia. “*Vida de Luiz Carlos Prestes: el caballero de la esperanza*” foi lançada inicialmente na Argentina, em 1942, período do Estado Novo no Brasil (1937-1945); tal regime foi caracterizado pelo nacionalismo e pelo autoritarismo. Prestes estava preso pelo regime político de Getúlio Vargas desde 1936. Vargas também era de origem gaúcha, de São Borja.

Não podemos esquecer que o próprio Jorge Amado também fora preso pelo menos duas vezes nos governos Vargas e estava exilado em Buenos Aires quando escreveu a biografia de Prestes. Seus livros foram proibidos de circular no Brasil, alguns títulos chegaram a ser queimados em praça pública (Hallewell, 1985). Portanto, mesmo sem indicar nominalmente Getúlio Vargas, a referência ao tirano diz respeito ao presidente.

Outro elemento que Amado enfatiza na questão da identidade são as lendas do povo negro gaúcho. Ele cita o “Negrinho do Pastoreio”⁸ como modelo de resistência negra do sul do país. Assim se refere o biógrafo: “sofrendo ditaduras longas, o gaúcho aprenderia o amor à luta, à liberdade, faria de um menino negro, escravo e infeliz, o herói dos seus cantos, o mais terno dos deuses da gente brasileira” (Amado, 2011, p. 34).

Essa ideia da origem, demarcada pela luta da liberdade contra a escravidão, perpassa toda a obra “O cavaleiro da esperança”. Na estratégia escolhida por Amado, de dialogar com uma interlocutora chamada de “amiga” ou “negra”, que pode ser exemplificado quando o narrador busca convencê-la de que, do nascimento de Prestes, surgiu o grande herói brasileiro:

Nessas terras do Sul, amiga, nasceu Luís Carlos Prestes. E seu nascimento marca o instante em que começa o fim do tempo dos tiranos. Seu nascimento é a prova de que a raça dos esmagados já tinha adquirido suficiente força para derrubar os tiranos e ganhar a liberdade. Porque raça já tinha tanta força e tamanha necessidade que, por fim, havia produzido o Herói (Amado, 2011, p. 35).

Em algumas passagens da mesma obra pode-se encontrar o entendimento do nascimento de Prestes como o começo de uma nova época para todos os escravos do Brasil, época que “haveria de animar e levantar, dignificar, dar consciência e libertar a raça brasileira” ou “o momento da luta final, o terrível e maravilhoso momento da última batalha” (Amado, 2011, p. 35). Temos aí a ideia de uma origem especial, libertária: “nessas terras do Sul, amiga, nasce o Herói” (Amado, 2011, p. 35-36).

Daniel Aarão Reis (2014), sete décadas depois, assinalou a identidade regional de Luiz Carlos Prestes de maneira diferente, mais caracterizada por um debate historiográfico. Em vez de um olhar romantizado sobre as origens do seu personagem, temos uma perspectiva contextualizada com o propósito de formatar um cenário de origem do seu biografado. Logo no início de sua narrativa identificamos dados sobre a cidade de Porto Alegre no final do século XIX: “Porto Alegre era um pequeno burgo, com pouco menos de 75 mil habitantes, enriquecido pelo constante movimento de barcos e navios” (Reis Filho, 2014, p. 7). Na sequência, Aarão Reis (2014) vai descrevendo a cidade em seu cenário e habitantes:

Os habitantes orgulhavam-se das praças arborizadas, dos chafarizes e hotéis, e do primeiro arranha-céu, o prédio Malakoff, de imponentes quatro andares; e também da igreja da Matriz, do Palácio do Governo e da sede da 3ª Região Militar. Nas primeiras ruas,

⁸ Segundo o pesquisador Câmara Cascudo (1983, p. 290), “o Negrinho do Pastoreio é [uma] lenda cristã, divulgada com finalidades morais. O Negrinho é sem pecado, uma vítima. É um acessório à bondade de Nossa Senhora, madrinha dos que a têm. Perdendo duas vezes a tropilha que acha miraculosamente, o Negrinho, por associação natural, é padroeiro dessa atividade nos ‘pagos’ gaúchos”.

da Praia, Nova, Riachuelo, do Comércio, Sete de Setembro, misturavam-se as pessoas, com roupas escuras e pesadas, típicas da época, às carroças e as tálburis, puxando a cavalo, e aos bondes elétricos, indício e promessa de tempos modernos (Reis Filho, 2014, p. 7).

Quando a família Prestes se mudou para o Rio de Janeiro, em 1904, o autor realizou o mesmo movimento descritivo: “o Rio de Janeiro era a maior cidade brasileira com 800 mil habitantes”, salientando o processo de modernização acelerada, por meio da qual a cidade foi “entregue às mãos de médicos e engenheiros, [que] haveria[m] de transformar numa vitrine ‘civilizada’” (Reis Filho, 2014, p. 12).

Tal contextualização inicial, mesmo que rápida e pontual, tanto na descrição de Porto Alegre, como depois do Rio de Janeiro, permite-nos compreender a opção biográfica de Daniel Aarão Reis (2014) em produzir uma narrativa documental, preocupada com a construção do cenário onde surgiu seu biografado a partir de uma perspectiva historiográfica. Bem diferente de Jorge Amado, que em 1942, em outro contexto e proposta narrativa, construiu um cenário permeado por elementos literários, idealizado e naturalizado quanto às origens geográficas de seu biografado.

Entre a “falácia parental” e o mito das origens familiares: a ascendência de Prestes como recurso de explicação do sujeito

Um movimento bastante comum entre os biógrafos, segundo Sérgio Vilas Boas (2008), é procurar explicar o seu biografado a partir das características físicas e psicológicas dos seus ascendentes diretos, como pai, mãe e avós. James Hillman (1997) chama essa prática de “falácia parental”, que consiste em explicar o biografado através de uma herança marcada por uma árvore genealógica.

Os três biógrafos de Prestes optaram por esse movimento explicativo. Entretanto, dois deles, Jorge Amado (2011) e Anita Leocadia Prestes (2015), deram um realce maior à abordagem da ascendência de Prestes. Nos outros dois casos, as narrativas apresentam minimamente as figuras paternas e maternas, quase sempre a partir dos avós.

Jorge Amado (2011) inicia a sua narrativa apresentando o biografado a partir da ascendência paterna, esta marcada por uma dicotomia de classe social; por um lado uma “família aristocrática e tradicional”, representada pela avó paterna, Luiza Travassos; por outro uma “família proletária e humilde”, representada pelo avô paterno, Antônio Prestes. A origem nobre de Prestes advinha do pai de Luísa Freitas Travassos, que era “um guarda-roupas”⁹ do imperador D. Pedro, no Rio de Janeiro imperial. Já o pai de Antônio Pereira Prestes foi um simples “calafete”, um operário especializado em vendas e construção naval.

A dicotomia estabelecida por Jorge Amado (2011) se resolve quando o jovem Antônio Pereira Prestes teria se tornado soldado aos 13 anos, ao fugir de casa. Ali teria havido a vitória do “sangue vermelho do calafete” sobre o “sangue azul nobre”. O biógrafo se pergunta: “será então, negra, que esse sangue dos calafetes do mundo é mais poderoso e forte que o sangue azul dos nobres?” (Amado, 2011,

⁹ Espécie de funcionário responsável pelas roupas do imperador.

p. 41). Essa dicotomia se apresenta na própria construção da imagem sobre os avôs de Prestes, na qual Luísa Travassos seria o exemplo de alguém orgulhosa de suas origens aristocráticas:

Luísa chorava diante do retrato do avô aristocrata que parecia, sob os veludos que o vestiam, ter um gesto de significativo enojo para a decadência do sangue daquela sua família. No outro retrato, vestido com roupas mais modernas e mais modestas, sorria seu sorriso bom e irônico o juiz Antônio Pereira Prestes, pai do jovem soldado. Entre os dois retratos, as lágrimas de Luísa, as lágrimas de Luísa Freitas Travassos, transbordavam em soluços (Amado, 2011, p. 41).

Jorge Amado (2011, p. 36) salienta a vergonha de Luísa por ter um filho soldado do Exército, uma profissão considerada para indivíduos das classes baixas. “Ser militar já era uma vergonha para a honra da família, acostumada a empregos no Paço, a olhar com desprezo qualquer profissão que não fosse a honrada, a rendosa e descansada profissão de parasita da Corte”.

Cabe dizer que interessava a Jorge Amado, sobretudo durante a campanha de libertação de Prestes no início dos anos 1940, ponderar a origem familiar do mesmo, entre a aristocracia e o popular. A vitória do popular, neste contexto da narrativa, deixa clara a intencionalidade do autor, que afirma a linhagem preponderante daquele que será, segundo o biógrafo, o maior revolucionário popular da história brasileira.

Por outro lado, Amado elabora o personagem de Antônio Pereira Prestes, avô paterno, por meio de outra imagem, desta vez bastante positiva. Ele foi descrito como um advogado brilhante e culto, que construiu uma carreira invejável, marcada pelo humanismo e pelo combate às injustiças do seu tempo:

Um homem popular na cidade, espécie de exemplo de caráter reto, de homem cumpridor dos seus deveres, em que o senso da honra só era igualado pelo senso da justiça, a verdadeira justiça, não aquela que se apoia somente na lei, mas a que tem raízes igualmente na bondade e no conhecimento da vida desigual dos homens (Amado, 2011, p. 38).

O mesmo autor sugere ainda que o futuro militar herdara a humildade e o senso de justiça do avô paterno. Algo que fica ainda mais evidente quando o biógrafo vai tratar dos avós maternos, Joaquim José Felizardo e Ermelinda de Ferreira de Almeida.

Joaquim Felizardo, por exemplo, é visto como um homem culto, leitor ávido e combatente da escravidão negra. O biógrafo vai mais longe afirmando que, nas ruas de Porto Alegre, Felizardo era chamado de “pai dos negros” graças às suas lutas abolicionistas. As referências aos temas ligados à cultura afro-brasileira são enfatizadas por Jorge Amado (2011), no que podemos compreender como uma forma de aproximar o leitor popular com o personagem que biografava. Um Prestes como símbolo do povo.

Por fim, quando o pai de Prestes faleceu, em 1908, Leocadia deixou dois filhos: o próprio Luiz Carlos e Clotilde Prestes. Anita Leocadia Prestes (2015), em um tópico chamado “Origens Familiares”, também procura caminhar por uma genealogia dos avós de Luiz Carlos Prestes, começando pelos avós paternos. Cria um perfil positivo de maneira geral, porém oculta qualquer questão sobre a aristocrática avó paterna, Luísa Freitas Travassos. Já o avô paterno é assim descrito: “Antônio Pereira Prestes, conceituado juiz, de origem social modesta, ficara conhecido por seu senso de justiça e sua

independência de caráter, o que o tornara um homem popular na capital gaúcha” (Prestes, 2015, p. 21). No que se refere aos avós maternos, estes são assim apresentados:

Joaquim José Felizardo, um próspero comerciante de Porto Alegre, pertencia à maçonaria, era abolicionista e republicano; também foi um homem avançado para sua época. A família Felizardo se tornara conhecida na cidade por cultivar valores culturais e humanistas. A esposa de Joaquim José, Ermelinda Ferreira de Almeida Felizardo, descendia da aristocracia portuguesa, mas se distinguia por ser uma pessoa de ideias abertas, que partilhava plenamente dos ideais de justiça social abraçados pelo marido (Prestes, 2015, p. 21).

Como vemos, Anita Leocadia Prestes evidencia as características positivas dos antepassados do seu biografado, principalmente dos avôs maternos. O uso dos trechos “cultivar valores culturais e humanistas” e “partilhava plenamente dos ideais de justiça social abraçados pelo marido” mostra que a autora considera tais características como as de “alguém avançado para a época”, porém a autora não deixa claro o que significaria ser avançado para um homem residente na cidade de Porto Alegre do início do século XX. Que parâmetros ela criou para defini-lo assim? Ser culto, politizado, abolicionista e republicano em uma época de “ignorâncias”, analfabetismos, escravismo e de culto à monarquia?

A historiadora Anita Leocadia Prestes (2015), por outro lado, é cautelosa nos traços que construiu sobre o avô paterno de Prestes e apaga completamente qualquer descrição da avó paterna, Luísa Freitas Travassos. Podemos inferir que a exclusão da linhagem aristocrática por parte da família paterna procura omitir significados considerados indignos para a trajetória familiar de Luiz Carlos Prestes.

Ermelinda Ferreira de Almeida Felizardo ganha ainda mais ênfase nas mãos de Anita Leocadia Prestes (2015) devido às suas tentativas de libertar o neto quando este esteve preso durante o governo getulista, na década de 1930, enviando cartas ao presidente do Superior Tribunal Militar, na época:

Já com cerca de noventa anos, quando seu neto Luiz Carlos Prestes estava preso nos cárceres da ditadura Vargas, revelou-se extremamente corajosa e decidida ao apoiá-lo com firmeza. A avó de Prestes dirigiu diretamente, mais de uma vez, a mandatários do regime do Estado Novo, exigindo que os legítimos direitos de seu neto fossem respeitados (Prestes, 2015, p. 21-22).

Daniel Aarão Reis (2014), em sua biografia, procurou comprovar as origens nobres de Ermelinda de Ferreira de Almeida, “a quem a tradição familiar e mesmo os descendentes revolucionários gostavam de atribuir estirpe nobre” (Reis Filho, 2014, p. 8). Mesmo sem citar exatamente quais fontes utilizou, chegou à conclusão de que “de fato, Luís Augusto Ferreira de Almeida, seu irmão, era um visconde, título concedido pelo rei D. Carlos I de Portugal em 1891. Anos antes, um tio homônimo também se tornara nobre, graças aos reis portugueses D. Pedro V e D. Luís I, que lhe concederam os títulos de visconde e conde, em 1855 e 1874” (Reis Filho, 2014, p. 9).

Podemos concluir que nem todos os biógrafos optaram por explicar seu biografado através de uma marca genética. Muitas vezes houve apenas um preenchimento de dados históricos para situar as origens do personagem. No caso de Jorge Amado (2011) e Anita Leocadia Prestes (2015), os autores exaltaram as características (o humanismo e a nobreza, por exemplo) ou quando esconderam possíveis

defeitos (arrogância e prepotência), observamos o recurso a uma memória positiva, que sugere uma ascendência ou forte influência no personagem biografado.

Já apresentamos aqui que James Hillman (1997) chama de “falácia parental” a opção obsessiva de explicar o biografado por meio de sua árvore genealógica. O autor ainda constrói outro termo para definir essa maneira como os pais do biografado podem ser construídos como “pais supremos”, aqueles que “nutrem, sufocam, castigam, devoram, protegem, amam, corrigem, inspiram, moldam” (Hillman, 1997, p. 30).

Vamos observar nos próximos parágrafos como as narrativas biográficas apresentam os pais, Antônio Pereira Prestes Filho e Leocádia Prestes, nos utilizando das estratégias de análise que chamamos de “memória silenciada” em relação ao pai, e “memória monumentalizada” em relação à mãe.

Nas três biografias, a ênfase quase sempre é na influência da mãe na constituição da personalidade e nas escolhas futuras do filho. O pai aparece em um papel secundário. Porém, quase todas as narrativas biográficas dedicadas a Prestes têm início no relato do histórico familiar a partir do militar Antônio Pereira Prestes Filho. No caso de Jorge Amado (2011), o pai seria aquele que participou ativamente da Proclamação da República, que tinha ideias avançadas, progressistas, semelhante ao futuro revolucionário do filho.

O biógrafo baiano procurou construir uma ideia de que Antônio Pereira Prestes seria um símbolo do republicanismo, portanto da conquista da liberdade no contexto das transformações políticas e sociais do final do século XIX; para isso, Amado o descreve como um libertário que seguiu os pressupostos de Benjamin Constant. Este último foi apresentado como “herói”, como vemos na seguinte passagem: “OS CADETES, NAQUELA MANHÃ DE 15 DE NOVEMBRO DE 1889, manhã gloriosa, amiga, quando o trono ruía no Brasil, reuniram-se em torno de seu mestre e chefe, tenente-coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, e juraram ‘vencer ou morrer’ (*sic*)” (Amado, 2011, p. 45).

O pai de Prestes, portanto, seria aquele que “marchou resoluto e firme, os olhos para a frente, a cabeça erguida, o olhar sereno, o gesto impávido. E jurou e se colocou ao lado de Benjamin para acompanhá-lo” (Amado, 2011, p. 45).

Antônio Pereira Prestes Filho nasceu em 23 de agosto de 1869 em Porto Alegre, filho dos já citados Antônio Pereira Prestes e Luísa Machado de Freitas. Jorge Amado (2011, p. 45) o descreve como um jovem que teria fugido para tornar-se soldado, pois “pensava como seu pai, o filho de operário, que é preciso começar de baixo e conquistar as posições”. Essa forma de se relacionar e admirar os mais humildes fez com que ele acabasse sendo absorvido por ideais revolucionários graças à inspiração do positivismo do seu mestre, Benjamin Constant.

Jorge Amado (2011, p. 47) não cita de imediato o positivismo, mesmo assim considera os ideais do pai de Prestes formados em “uma ideia progressista e revolucionária”. Isso fica mais evidente quando afirma que “no século XIX, amiga, os revolucionários, os que queriam derrubar o Império e implantar um governo do povo, levantaram a bandeira da abolição. É o republicano Castro Alves primeiro, depois é Rui Barbosa” (Amado, 2011, p. 47).

Benjamin Constant, Castro Alves e Rui Barbosa são vistos pelo biógrafo como três modelos de revolucionários em seus tempos. Ambos carregariam o espírito revolucionário republicano e são apresentados em oposição ao presidente da época, o gaúcho Getúlio Vargas, chamado de inimigo do povo: “assim também hoje, amiga, os inimigos do povo, os chefes conscientes e seguidos das alas mais reacionárias, mais obscurantistas e mais retrógrados da população brasileira, esmagando com sangue os movimentos libertários do povo” (Amado, 2011, p. 48). Amado, neste trecho, fez alusão às chamadas frentes populares ocorridas na década de 1930, que culminaram com a formação da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e as revoltas comunistas de 1935, duramente reprimidas pelo governo getulista através de prisões e torturas em todo o Brasil.

Enquanto Benjamin Constant era visto como líder do povo, Vargas simbolizava o contrário àquele momento, a demagogia e a distância do povo brasileiro. Compreendemos que, para Jorge Amado (2011), na impossibilidade de afirmar que Antônio Pereira Prestes Filho se assemelhava ao filho como arquétipo do herói popular, acabou por transferir para Benjamin Constant toda uma carga simbólica de heroísmo e de modelo revolucionário:

Com uma enorme parença moral com ele, Luís Carlos Prestes é hoje o seu continuador dentro das novas condições. Esse também, amiga, não possui nenhuma das qualidades do demagogo. Nada nele é exterior e falso. Sua grandeza é também algo concreto e palpável. Vem de uma vida dedicada ao povo, de culto à honra, à dignidade e à verdade. De fidelidade à causa do Brasil. Como Benjamin Constant ele é culto, inteligente e franco. Veio como de uma família pobre e galgou os postos, sofrendo todas as injustiças e todas as privações (Amado, 2011, p. 49).

Neste paralelo, o marxismo e o positivismo são lidos como equivalentes dentro uma mesma raiz ideológica revolucionária: “o marxista Luís Carlos Prestes representa no cenário brasileiro de hoje a mesma importância – se não uma importância histórica maior – que o positivista Benjamin Constant na segunda metade do século XIX”; a semelhança se mostraria no combate a inimigos, de um lado a Monarquia, e, do outro, o Fascismo: “encontra sem vacilação, em Constant e em Prestes, no positivista e no marxista, o seu condutor nessas horas tão distantes e tão semelhantes na luta contra a monarquia e da luta contra o fascismo” (Amado, 2011, p. 49).

Daniel Aarão Reis (2014) opta por descrever não apenas a trajetória militar de Antônio Pereira Prestes, mas algumas de suas características físicas: o semblante grave e olhos profundos. Ele é qualificado também como um “homem de cultura, [que] dispunha de uma boa biblioteca, ornamentada de livros que se orientavam pelo materialismo e pelo positivismo franceses” (Reis Filho, 2014, p. 9). O autor compreende o pai de Prestes como um propagandista da República e esmiúça a trajetória militar do mesmo por meio de fontes históricas da época, como documentos oficiais do Exército e fontes orais. O historiador não cita diretamente quem foram estas fontes orais; chama este recurso de “tradição oral”. Por meio destas fontes, Aarão Reis (2014) revela que Antônio Pereira Prestes foi preso uma vez, dando detalhes sobre seus problemas financeiros e de saúde. Assim como Jorge Amado, o historiador deixa claro as afinidades com o pensamento de Augusto Comte, porém em nenhum momento destaca qualquer influência específica de Benjamin Constant, como fez o biógrafo baiano.

No que se refere a Luiz Carlos Prestes e sua relação com o pai, Daniel Aarão Reis (2014) pontua de forma direta a ausência da figura paterna, utilizando-se de um trecho de entrevista de Prestes que ele não cita a origem daquele: “do meu pai não posso dizer nada, porque depois que adoeceu gravemente [em 1903], teve outros derrames e foi piorando cada vez mais” (Prestes apud Reis Filho, 2014, p. 13).

Quanto à narrativa da historiadora Anita Leocadia Prestes (2015, p. 21), Antônio Pereira Prestes é visto como um “Homem progressista para seu tempo [...] signatários dos célebres ‘pactos de sangue’, formados pelos jovens oficiais que, sob a liderança de Benjamin Constant, fizeram parte da ‘mocidade militar’, participando ativamente da Proclamação da República”.

Observamos na historiadora a utilização do termo progressista para definir o caráter, as concepções políticas e sociais e a ascendência do seu biografado.

Nesta lógica, o enquadramento da memória do pai de Prestes, semelhante à biografia de Jorge Amado (2011), se encontra também na de Anita Leocadia Prestes (2015), 60 anos depois, o que evidencia a ideia de como tais narrativas biográficas estão comprometidas na construção biográfica na fabricação do mito desde suas origens e descendências. No caso específico de Benjamin Constant, seria um mito republicano da liberdade que teria influenciado o pai de Prestes nos finais do século XIX, como também indiretamente o filho, Luiz Carlos Prestes. Uma herança simbólica enfatizada pelos dois autores na abordagem sobre o tema.

Porém, a autora ressalta as relações entre o pai e o positivismo, algo que nenhum dos biógrafos trouxera, numa espécie de defesa a críticas que sugerem que Luiz Carlos Prestes teria sido um herdeiro do positivismo graças à influência do seu pai:

Abraçava a doutrina positivista, atraído pelo papel progressista que tais ideias desempenharam junto ao movimento republicano no Brasil. Jamais aderiu, contudo, à Igreja positivista, tendo contribuído para tal a enérgica oposição de Leocadia, conhecedora das atitudes de alguns próceres do positivismo. Leocadia professava o catolicismo, mas como seu pai, não frequentava a igreja e era radicalmente anticlerical (Prestes, 2015, p. 21).

Entretanto, fica clara a pouca ênfase nas biografias na figura paterna, isso se compararmos com as referências à mãe. Contudo, não podemos afirmar que a memória de Antônio Pereira Prestes seja por completo uma “memória silenciada”. O que observamos é uma ênfase maior na memória de Leocadia Prestes, pela sua intensa presença nas ações e posições políticas futuras de Luiz Carlos Prestes.

Para Jorge Amado (2011) e Anita Leocadia Prestes (2015), Leocadia Felizardo Prestes, nascida em 11 de maio de 1874, em Porto Alegre (RS), foi uma mulher que seguiu uma trajetória diferenciada de outras mulheres do seu tempo, pois em vez de dedicar-se ao piano, ao francês e aos cursos de etiquetas, como era o esperado das mulheres em uma família de classe média alta, resolveu ser professora.

Aarão Reis Filho (2014, p. 8) optou inicialmente por um caminho de análise observando a fisionomia da mãe e as suas origens nobres portuguesas: “de rosto largo, olhos enérgicos e inteligentes, a mãe descendia de Joaquim Felizardo, comerciante abastado, ligado à importação de produtos

européus”. Pela primeira vez, entre os biógrafos, o autor traz dados exatos sobre data de nascimento, como realizou com o pai de Prestes, em seu perfil, além das já recorrentes citadas qualidades morais:

Leocadia, nascida em 11 de maio de 1874, teve rigorosa formação católica, era cultivada, fluente em francês, apreciava a boa literatura francesa e portuguesa, estudara pintura, canto e declamação, e aprendera a tocar piano. Voluntariosa, afirmativa, interessava-se pelos assuntos da sociedade, antenava-se com os problemas do mundo, e gostava de tomar partido e defender com eloquência seus pontos de vista (Reis Filho, 2014, p. 8).

Anita Leocadia Prestes (2015) não esconde a admiração por sua avó, de quem herda o segundo nome, aquela que lhe salvou das “garras” dos nazistas em 1938, e que a criou até o ano de 1943. Neste ano, Leocadia faleceu no México, em plena Segunda Guerra e em meio à luta pela libertação de Prestes, no que ficou conhecido como Campanha Prestes¹⁰. Anita Leocadia Prestes (2015) defende que a personalidade do seu biografado foi moldada pelo caráter de sua mãe e que suas aspirações de justiça vieram de sua influência pessoal:

Na trajetória de Prestes, a infância e a juventude constituem períodos importantes. A influência decisiva da mãe, Leocadia Prestes, revelada na formação de seu caráter, no incentivo a cultivar um interesse constante pelos acontecimentos com os problemas sociais e na solidariedade total ao engajamento do filho na luta revolucionária, é um aspecto fundamental para explicar as características mais marcantes do biografado no decorrer de sua vida adulta (Prestes, 2015, p. 16).

Caracterizada por ser uma mulher avançada e culta, segundo Anita Leocadia Prestes (2015, p. 16), Leocadia ainda muito jovem “escandalizou a família ao revelar o desejo de ser professora e trabalhar fora, o que naqueles tempos era impensável para uma moça de seu nível social”. Desde cedo, Leocadia manifestou “pendor pelas artes, pela literatura e também pela política, interesse que, mais tarde, transmitiu aos filhos”.

A ideia de “herança moral” fica bastante evidente. Mesmo Prestes, em diversas entrevistas, não nega a importância que sua mãe teve em sua constituição como sujeito. Porém, o que fica claro na verdade é que tanto Anita Leocadia Prestes (2015), mais recentemente, como Jorge Amado (2011), na década de 1940, exageram, optando ambos por uma “monumentalização da personagem”¹¹. Ou seja, a imagem de Leocadia foi construída por meio de descrições que a caracterizavam com um misto de santa e redentora. Ponto problematizado, por exemplo, pelo historiador Jorge Ferreira (2002), quando trabalha com os mitos comunistas ao longo do século XX, chamado de imagens femininas, de exemplos de esposas e mães as figuras de Olga Benário e Leocadia Prestes, colocadas como modelos de heroínas, na mesma escala de Prestes no imaginário coletivo dos comunistas.

¹⁰ A Campanha Prestes foi um movimento organizado pela Internacional Comunista e teve como liderança a própria Leocadia Prestes, que na época vivia em Moscou. Iniciada em 1937, perdurou até 1945, e teve o objetivo de liberar o líder comunista Luiz Carlos Prestes e outros comunistas presos pelo Estado Novo no Brasil.

¹¹ O conceito de monumentalização, amparado em Jacques Le Goff (2003), procura perceber como determinados sujeitos foram alçados a figuras que evocam o passado, possuem um poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, em suas áreas, sendo cultuadas de diversas maneiras através da construção de lugares de memórias, da constância de discursos rigorosamente positivos.

Jorge Amado (2011) inaugura essa ideia de uma mulher santa, “à frente do seu tempo” e redentora, que criou os filhos dentro de certos princípios morais e políticos. Começa por mostrar as heranças dos seus pais: “de dona Ermelinda vinha-lhe a insatisfação, o desejo de evoluir, de acompanhar a marcha das ideias; de Joaquim José herdara os sentimentos progressistas, o amor à cultura, a compressão das injustiças sociais” (Amado, 2011, p. 43-44). O biógrafo projeta ainda sua personagem como figura que simboliza as conquistas femininas que viriam ao longo do século XX pelo fato de Leocadia ter estudado na Escola Normal mesmo sendo de família rica e nobre:

No dia em que Leocadia tomou dos seus livros e partiu para estudar em meio aos lamentosos suspiros da família, dona Ermelinda não suspirou, não ficou triste e espantada. Ficou pensando, amiga, um pensamento lindo: um dia as mulheres do mundo serão livres, a sua casa não será um cárcere dourado, cairão os preconceitos idiotas, colaborarão com os homens na construção de um mundo melhor. Um dia... (Amado, 2011, p. 44).

De todos os biógrafos, ninguém idealizou tanto dona Leocadia Prestes como Jorge Amado. Por meio de suas “mãos de romancista”, procurou demonstrar durante todo o livro a grandeza de uma mulher forte e determinada, um modelo de mãe e mulher que deve ser sempre evocado. Na abertura de um capítulo, afirmou:

COMO UMA SOMBRA TUTELAR, AMIGA, SE DEBRUÇA SOBRE a vida de Luís Carlos Prestes, desde a mais remota infância, a grandeza de uma mulher forte. Nas veias dela, de Leocadia Prestes, corre aquele mesmo sangue das santas e das heroínas: de Anita Garibaldi, de Maria Quitéria e também de Ana Néri. No painel em que se destaca em primeiro plano a figura heroica de Luís Carlos Prestes, dona Leocadia se levanta como a força que o cria, o protege e o sustém (Amado, 2011, p. 56).

A comparação com Anita Garibaldi, Maria Quitéria e Ana Néri, três nomes que são citados de forma recorrente como modelos nacionais desde o século XIX, situa Leocadia em uma espécie de constelação mitológica de mulheres consideradas heroínas do povo brasileiro. Entretanto, é necessário voltarmos mais uma vez ao contexto em que Amado escrevera. Em 1942, Prestes estava preso desde 1936 e o mundo estava em guerra desde 1939; a luta contra os regimes fascistas se intensificava na forma de resistências políticas. No Brasil, Getúlio Vargas comandava o regime autoritário do Estado Novo, tendo perseguido opositores, principalmente comunistas, como os próprios Prestes e Jorge Amado.

Em contraponto à exaltação, o historiador Daniel Aarão Reis (2014) é aquele que mais busca desmitificar certos aspectos da trajetória de Prestes, entre eles a história de vida de sua mãe. Utilizando-se de outras documentações e indícios, foi o único biógrafo a mostrar dados inéditos sobre a vida da mãe de Prestes depois da morte do marido em 1904, polemizando a trajetória desta e procurando problematizar as motivações de certos “esquecimentos” em relação à personagem.

A questão abordada por Daniel Aarão Reis diz respeito às origens das irmãs de Prestes: “passados poucos meses [...] nasceu outra irmã, Lúcia, fruto da união entre sua mãe, Leocadia, e Eugênio Agostini.

Mais tarde, outra menina, Lígia¹², seria incorporada à família” (Reis Filho, 2014, p. 15-16). Quem seria Eugênio Agostini? O biógrafo não consegue revelar por falta de dados. Aqui percebemos claramente as dificuldades que o historiador teve na montagem deste trecho:

Lígia nasceu em 04 de agosto de 1913, mas não foi possível comprovar empiricamente que tenha sido uma filha da união entre Leocadia e Eugênio. Testemunhos orais colhidos divergem: alguns apontam neste sentido, mais provável, mas outros excluem a possibilidade de uma adoção, efetivada em algum momento mais tarde. Familiares que poderiam elucidar a questão recusaram-se a colaborar, o que evidencia o peso dos preconceitos históricos (Reis Filho, 2014, p. 16).

Leocadia teria tido duas outras filhas (Lygia e Lúcia), em circunstâncias pouco esclarecidas pelas memórias familiares, além de Clotilde e o primogênito Luiz Carlos Prestes, filhos de Antônio Pereira Prestes. Segundo Aarão Reis Filho (2014), houve, por parte da família, uma tentativa de esconder tais informações, o que levou outros biógrafos a não tocarem no assunto, inclusive a própria Anita Leocadia Prestes, pelo menos até à publicação de suas memórias, como veremos a seguir. Para Aarão Reis Filho (2014, p. 16), a família poderia elucidar tal questão:

Ao longo da vida, em entrevistas com pessoas de toda a confiança, Prestes jamais admitia o fato, insistindo, contra todas as evidências, que suas irmãs mais novas eram filhas do velho capitão Antônio, morto três anos antes do nascimento de Lúcia e cinco anos antes do de Lígia. Por cumplicidade moralista ou preguiça intelectual, os esboços biográficos de Prestes não questionaram nunca o muro de proteção que se formou em torno do assunto, considerado interdito e maldito.

Antes de Aarão Reis, o jornalista William Waak (1993) já havia trazido informações neste sentido, mesmo que não tenha tido como prová-las com bases documentais. Para o jornalista, “Dona Leocadia Felizardo Prestes era uma mulher de caráter forte e notável espírito de independência para sua época [...] teve cinco crianças de três homens diferentes. Casou-se somente com o primeiro, o capitão do Exército Antônio Pereira Prestes, pai de Luís Carlos” (Waak, 1993, p. 27). Waak (1993) não cita de onde retirou tais informações, apenas sugere que os comunistas da época sabiam; argumento semelhante ao usado por Aarão Reis.

Aarão Reis Filho (2014) procurou mostrar que a liberdade de Leocadia deve ser vista como algo que transgrediu os modelos morais de sua época e que ela na verdade foi vítima de preconceitos e tabus historicamente impostos às mulheres na sociedade: “Leocadia confrontava dois poderosos tabus. O de que as mulheres tinham que casar pra procriar. O que as viúvas estavam, em princípios, destinadas ao celibato, até a morte (*sic*)” (Reis Filho, 2014, p. 16). Ainda segundo o autor, o custo por envolver-se com outros homens depois de viúva, no início do século XX, foi bastante alto não só para ela, mas para toda a família:

¹² Enquanto Daniel Aarão Reis Filho (2014) escreve o nome da irmã de Luiz Carlos Prestes com “i” e acento, Anita Leocadia Prestes (2015) utiliza-se da letra “y”. Como forma de padronizar, nós optamos por escrever Lygia. Apenas nas citações do primeiro historiador mantivemos a escrita original.

Escassearam as visitas. Mesmo as relações com os parentes maternos e paternos passaram a ser condicionadas, o que se evidencia na correspondência, no qual o assunto era evitado. Não foi por outro motivo que, apesar da modéstia dos seus rendimentos, Leocadia nunca pensou em retornar a Porto Alegre, onde teria melhores condições de vida e de inserção social. A situação ainda piorou quando, em 1915, Agostini separou-se da mulher e da família, tomando destino não sabido e ignorado, ou não confessado. Para se defender, Leocadia e os seus filhos ergueram uma barreira sólida de silêncio e mistério. A questão era dele [Prestes], íntima, familiar, e só a eles interessava (Reis Filho, 2014, p. 16).

O historiador levanta a hipótese de que houve um processo programado de apagamento destas narrativas consideradas negativas para a imagem pública de Prestes diante da visibilidade heroica do personagem depois da “Coluna Prestes”: “A discricção e a reserva, características do período, que separavam com rigor os eventos privados dos públicos, seriam, com o tempo, acentuadas. E reiteradas depois que Prestes se tornou figura pública, ainda nos anos 1920, sobretudo após a aventura da Coluna, prevalecendo à ocultação dos fatos” (Reis Filho, 2014, p. 16).

Em relação a esta questão familiar, Anita Leocadia Prestes, em seu livro de memórias publicado em 2019, “Viver é Tomar Partido, afirma que o pai de suas tias era um homem casado.

Leocadia enviuvou muito jovem, aos 33 anos de idade. Foi uma mulher à frente do seu tempo: teve a coragem de enfrentar os preconceitos da época e, apaixonada por um homem casado, assumir uma relação da qual nasceram suas duas filhas mais moças, Lúcia e Lygia, criadas por ela e pelos três irmãos mais velhos em iguais condições, sem nenhum tipo de discriminação, cercadas de todo o carinho da família. Quando ficou sabendo que o pai de suas duas filhas, diferentemente do que lhe havia prometido, continuava casado com a esposa grávida, Leocadia não teve dúvidas de romper aquele relacionamento e arcar sozinha com as consequências (Prestes, 2019, p. 57-58).

Essa revelação tardia por Anita Leocadia Prestes soa como uma espécie de resposta pública à problematização de Aarão Reis Filho (2014), exposta na biografia deste. Como uma espécie de “lavagem de roupa suja”, a historiadora enfim esclareceu a questão, demonstrando de certa forma um teor moralista, não apenas dela, mas nas visões do mundo de muitos comunistas considerados ortodoxos que, tendo tais informações, procuraram destruir uma imagem positiva de Prestes e sua família. Desta forma, levando em consideração que as condenações morais em relação ao comportamento sexual da mulher passaram por intensa transformação nos séculos XX e XXI, Anita Prestes enfim expõe o que considera um trauma pessoal e familiar¹³.

Sobre a trama da família, diante das dificuldades que sofreu Leocadia Prestes e seus filhos, Daniel Aarão Reis Filho (2014, p. 16-17) escreveu:

Essa omissão reflete os tabus de uma época, costumes preconceituosos que tolhiam, distorciam – e ainda tolhem e distorcem – a vida social e pessoal, suscitando sofrimento e dor. O silêncio, compartilhado e guardado, contribuirá para estruturar o impenetrável círculo clânico daquela pequena família liberada por Leocadia, moldando feições particulares que permanecem por décadas, forjando um caráter – comum – de

¹³ Chama atenção que a única biografia de Leocadia Prestes, intitulada “Leocadia Prestes: mãe coragem”, escrita por sua filha Lygia Prestes, em nenhum momento refere-se ao caso, deixando ainda mais clara a estratégia de esconder tais acontecimentos no âmbito público (Prestes, 2015).

enfrentamento e superação de adversidades. Que elas viessem! Eles as enfrentariam e as superariam! Mantendo aquele segredo contra as evidências mais cristalinas. Para o bem e para o mal, fechou-se ali um anel que os anos futuros, terríveis que fossem, não conseguiram abrir (Reis Filho, 2014, p. 16-17).

Para Sérgio Vilas Boas (2008), a “falácia parental” substitui a figura mitológica, quando o autor verifica principalmente uma tendência em dar uma grandeza mítica à mãe, atribuindo a ela o poder de sua imagem arquetípica. Ao analisarmos as narrativas, encontramos esta imagem da mãe de Prestes na maioria das biografias.

Vilas Boas (2008, p. 57) critica ainda a opção demasiado centrada na ascendência, mas deixa claro que tal movimento interpretativo não é uma convenção tácita apenas do modo biográfico de narrar. É também uma questão de método: “um dos pressupostos dos métodos biográficos em Ciências Sociais, por exemplo, é exatamente o das origens familiares”.

Observando uma constante em várias biografias, Vilas Boas (2008) aponta principalmente os textos que reconstróem personagens a partir de uma percepção linear-evolutiva-cronológica, refletindo que quase sempre há um preenchimento de páginas com a procura dos ancestrais consanguíneos. A busca pela ancestralidade, já apresentada aqui através da abordagem dos biógrafos, permite a alguns compreender Luiz Carlos Prestes como “um herdeiro moral e intelectual dos seus parentes”. Ao observar essa tendência na produção das biografias, afirma:

Biógrafos adoram recorrer a pais, avós e bisavós para tentar explicar temperamentos, atitudes destrutivas, decisões arriscadas, fracassos, repetições, compulsões, estranhezas, conquistas, etc. Há os que explicam ou insinuam relações de causa e efeito entre o passado e o presente; outros preferem apenas cumprir um ritual, fornecer registros informativos sobre familiares (Boas, 2008, p. 48).

Nas três biografias ficam evidentes como os autores escolheram esse movimento de explicação do sujeito através de registros dos seus familiares. Apenas nas narrativas de Jorge Amado (2011) e Anita Leocadia Prestes (2015) encontramos uma estratégia narrativa que busca explicar seu biografado a partir de certa herança moral, surgida da sua ascendência (pais e avós), inclusive produzindo uma memória monumentalizada de Leocadia Prestes com o intuito de perpetuar uma herança do passado.

Fontes

- AMADO, Jorge. *Vida de Luiz Carlos Prestes: el caballero de la esperanza*. Buenos Aires: Editora Claridad, 1942.
- AMADO, Jorge. *O cavaleiro da esperança: vida de Luís Carlos Prestes*. São Paulo: Martins Fontes, 1945.
- AMADO, Jorge. *O cavaleiro da esperança: vida de Luís Carlos Prestes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PRESTES, Anita Leocadia. *Entrevista concedida a Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio*. Rio de Janeiro, 14 maio 2018.
- PRESTES, Anita Leocadia. *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *Entrevista concedida a Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio*. Rio de Janeiro, 14 maio 2018.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *Luiz Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Referências

- AGUIAR, Joséia. *Jorge Amado: uma biografia*. São Paulo: Todavia, 2018.
- BELLOCCHIO, Mario. *Luminoso Boedo: la aventura de Antonio Zamora y su editorial Claridad*. Buenos Aires: Ediciones Cicais, 2016.
- BOAS, Sergio Vilas. *Biografismo: reflexões sobre as escritas de vida*. São Paulo: Editora da UNESP, 2008.
- CASCUDO, Luís Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; EDUSP, 1983.
- FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Rio de Janeiro: EDUFF; Mauad, 2002.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: T. A. Queiroz; EDUSP, 1985.
- HILLMAN, James. *O código do ser*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- LE GOFF, Jaques. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Gaúcho: mito e história. *Letras de Hoje*, v. 24, n. 3, p. 55-63, set. 1989.
- PRESTES, Anita Leocadia. *Viver é tomar partido: memórias*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- PRESTES, Lygia. *Leocadia Prestes: mãe coragem*. Rio de Janeiro: [s.l.], 2006.
- RICOEUR, Paul. *Memória, história, esquecimento*. Campinas: EdUNICAMP, 2010.
- WAAK, William. *Camaradas – nos arquivos de Moscou: a história secreta da revolução brasileira de 1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ZALLA, Jocelio. *O centauro e a pena: Barbosa Lessa e a invenção das tradições gaúchas*. Porto Alegre: UFRGS, 2018.